



የኢትዮጵያ ኦርቶዶክስ ተዋሕዶ ቤተ ክርስቲያን ሃይማኖትና ሥርዓት

The Ethiopian Orthodox Tewahedo Church Faith and Order

## **The Fifth Sunday of Zemene Fasika (Paschal Season)**

### **Liturgical Readings:**

**Rom. 6:1- 15; 1 Pet. 4:4 – 12; Acts 23:15-22,**

**Psalms 107:16;**

**John 21:15– end**

**The Anaphora of Saint Dioscorus**

« Cristo è risuscitato dai morti,  
schiacciando la morte con la morte,  
con grande potenza e autorità divina.

Ha legato Satana con catene,  
e a coloro che sono nelle tombe ha donato la vita;  
Adamo ha liberato,  
e d'ora in poi regneranno gioia e pace in eterno.»

### **Amas-me tu?**

**Em Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, um só Deus. Amém.**

Amados filhos do Reino, encontramos-nos junto às margens místicas do Mar de Tiberíades, onde o Senhor Ressuscitado — tendo despedaçado as portas de bronze e quebrado os ferrolhos de ferro, como declara o Salmista no **Salmo 107:16** — apareceu mais uma vez aos Seus discípulos. Eles haviam trabalhado durante as vigílias da noite e nada apanhado — um símbolo pungente da alma que se esforça sem a luz de Cristo. Todavia, à Sua palavra, as redes se encheram e, depois de terem partido o pão com o Mestre, desenrolou-se um diálogo divino que permanece como a pedra angular da nossa vocação pastoral. O nosso Salvador voltou-se para Simão Pedro e fez-lhe uma pergunta que penetrou como uma espada de dois gumes: *“Simão, filho de Jonas, amas-me tu mais do que estes?”*

Esta não foi uma mera inquirição, mas uma restauração medicinal. À sombra da Paixão, Pedro vangloriara-se com o orgulho da carne, dizendo: *“Ainda que todos se escandalizem de ti, eu nunca me escandalizarei”* (**Mateus 26:33**). Contudo, quando chegou a hora das trevas, o cirandeiro das almas — Satanás — desejou tê-lo para o cirandar como trigo. Nosso Senhor avistara-o deste perigo, prometendo orar para que a sua fé não dissolvesse, a fim de que ele pudesse, eventualmente, fortalecer os seus irmãos (**Lucas 22:31-32**). Tendo caído três vezes junto ao fogo da negação, Pedro estava agora tremendo diante do Fogo da Divindade. Já não se vangloriava com o orgulho da carne, nem pretendia amar mais do que os seus pares; em vez disso, despojado de toda a autoconfiança e revestido da quieta humildade de um verdadeiro arrependimento, o pastor ferido encontrou-se com o Bom Pastor. Neste sagrado momento de restauração, ele simplesmente apelou à onisciência de Deus, clamando: *“Senhor, tu sabes todas as coisas; tu sabes que eu te amo”*.

A esta confissão sentida, o Senhor respondeu com a tríplice comissão que define o cuidado eterno da Santa Igreja — uma missão renovada pela graça. Tríplice foi o encargo dado àquele que outrora vacilara:

Primeiro, Ele ordenou: **“Apascenta os meus cordeiros”** — os pequeninos em Cristo e os filhos da fé. Estas almas inocentes, tenras de mente e de coração, devem ser nutridas com o “leite racional e não adulterado da palavra”, protegidas das sombras do erro pela graça do Santo Batismo e pelo selo duradouro do Espírito.

Segundo, incumbiu-o: **“Pastoreia as minhas ovelhas”** — a juventude que deve crescer em meio às tempestades nascentes do orgulho, da luxúria e da vaidade mundana. Estes devem ser guiados com cuidado paterno através do deserto da tentação, para que não se desviem para as terras áridas da incredulidade.

Finalmente, ordenou: **“Apascenta as minhas ovelhas”** — os fiéis maduros e os anciãos do rebanho. São eles que devem permanecer firmes na adoração ao Altíssimo, ancorados nas alturas do Amor Divino e inabaláveis perante as tempestades constantes deste mundo. Através deste diálogo divino, a fragilidade do homem foi tecida na força da Igreja, provando que onde o amor é restaurado, a missão é eterna.

Neste sagrado intercâmbio, vemos o mistério da nossa transformação. Como São Paulo ensina em **Romanos 6:1-15**, nós, que fomos batizados em Cristo, fomos batizados na Sua morte, para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Padre, assim também nós andemos em novidade de vida. Pedro, outrora morto na sua negação, estava agora vivo para Deus. Esta nova vida, contudo, não é um caminho de facilidade mundana, mas de testemunho sacrificial. Nosso Senhor profetizou a natureza do fim de Pedro: *“Quando eras moço, cingias-te a ti mesmo... mas, quando já fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres”*. Ele disse isto para significar com que género de morte Pedro havia de glorificar a Deus — uma morte de mãos estendidas sobre uma cruz, espelhando o Mestre de quem outrora fugira.

Aprendemos nos **Atos dos Apóstolos (23:15-22)** e nas epístolas universais que a vida do fiel é de constante vigiância contra as conspirações do inimigo e as provações do mundo. O próprio São Pedro exortou-nos mais tarde, em **1 Pedro 4:4-12**, a não estranharmos a “ardente prova” que nos sobrevém para nos tentar, como se alguma coisa estranha nos acontecesse, mas a alegrarmo-nos por sermos participantes das aflições de Cristo. Esta é a essência da vida ortodoxa: amar a Cristo é abraçar a Sua Cruz. Um servo da Igreja não pode ser um mercenário; ainda que possua a língua dos anjos, o zelo dos profetas ou o conhecimento dos sábios, se lhe faltar o amor de Cristo, o seu ministério não é senão um címbalo que retine. Segui-Lo é renunciar à nossa própria vontade, ser “cingido” pelo Evangelho e ser levado não para onde a nossa carne deseja, mas para onde a glória de Deus exige.

Que o Deus Todo-Poderoso, que restaurou o Chefe dos Apóstolos, nos conceda o espírito de verdadeiro arrependimento e o fogo do amor divino, para que possamos guardar fielmente o rebanho que Ele adquiriu com o Seu próprio Sangue.

**Cristo ressuscitou dos mortos! Glória a Deus. Amém.**